

RESENHAS E COMENTÁRIOS

“O QUE É A FILOSOFIA?”

Gilles DELEUZE & Félix GUATTARI. tradução por Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 279p.

A pós-modernidade parece estar a exigir uma filosofia do “entre” as pessoas, o que implica numa nova racionalidade, fundada numa razão dialógica. Deleuze e Guattari, “amigos, amantes, rivais e preten-dentes da sabedoria”, buscam, em sua obra, uma filosofia comprometida com o futuro do Homem, com a alteridade e a autonomia.

Os autores analisam o que é um conceito como Ideia filosófica, bem como em que consistem as outras Ideias criadoras, próprias da Ciência e da Arte.

O filósofo enfrenta diretamente, na velhice, uma questão crucial, há muito tangenciada: O que é a Filosofia? Trata-se de uma disciplina essencialmente criadora e criativa, que se dedica à construção de conceitos para dar um sentido consistente ao caos.

Deleuze e Guattari propõem uma “pedagogia do conceito”, que deve analisar as condições de sua criação, como fatores de momentos que permanecem singulares. O conceito não é dado, ele está por criar; não é formado, ele se põe por si próprio (caráter autopoietico). O construtivismo filosófico compõe-se de três aspectos complementares: “traçar” um plano de imanência, “inventar” personagens conceituais e “criar” conceitos. Tais dimensões devem ser coordenadas, co-adaptadas por um “gosto” propriamente filosófico.

E o sujeito? A imanência não é mais imanente a outra coisa senão a si; tal plano não representa um fluxo do vivido imanente a um sujeito, apresentando apenas acontecimentos, mundos possíveis enquanto conceitos.

Os autores parecem criticar, implicitamente, os racionalistas e os empiristas, ao afirmarem que o sujeito e o objeto oferecem uma má aproximação do pensamento. “Pensar se faz antes na relação entre o território e a casa (...). Consiste em estender um plano de imanência que absorva a terra”. A crítica é mais explícita aos idealismos - objetivo, subjetivo e intersubjetivo- correspondentes, respectivamente, aos Universais de contemplação, reflexão e comunicação; ilusões engendradas pela Filosofia para dominar as outras disciplinas.

Segundo os autores, os conceitos devem estar em relação com nossos problemas, nossa história e nossos devires. A palavra utopia designa a conjunção da Filosofia com o meio presente (filosofia política). Nesta dimensão ético-política, é muito pertinente a crítica que fazem à sociedade de serviços e de engenharia informática, na qual os únicos acontecimentos são as exposições, e os únicos conceitos, produtos que se podem vender.

A Filosofia é devir, ela se des- envolve, se torna, se transforma. Não é história, mas vida, ir e vir... Está colocado o problema fundamental da Filosofia: adquirir consistência, sem nada perder do infinito.

Já a Ciência, por sua vez, re-nuncia ao infinito, e volta-se para a referência. Traça um plano de coordenadas indefinidas, que define sempre estados de coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais: ensinando a conhecer.

A Arte, por outro lado, quer criar um finito que restitua o infinito. De modo que esboça um plano de composição, onde há monumentos ou sensações compostas, que surgem através de figuras estéticas: ensinando a sentir. “O objetivo da Arte é (...) extrair um bloco de sensações, um puro ser de sensações.”

São três diferentes formas de pensamento que se cruzam, entrelaçam, porém sem se identificar, não há síntese, mas

sim, heterogêneso do pensamento na busca de um sentido para o caos com o qual se depara.

Ressalte-se, ainda, que elas só podem existir se estiverem relacionadas com o “não” que a cada uma delas concerne: não-filosofia, não-ciência, não-arte. E isto, não como seu início ou fim, mas a cada momento de sua realização. Trata-se de uma compreensão globalizante, que procura o todo e também os fragmentos.

O mais significativo ponto de encontro entre a Filosofia, a Arte e a Ciência consiste em que todas enfrentam o caos, esboçam um plano sobre o caos, embora sintam grande atração por ele (sendo verdadeiramente inimigas da opinião). São as Caóides, realidades produzidas em planos que recortam o caos. E o que é o caos? Não se trata de massa inerte ou estacionária, caracterizando-se pela velocidade infinita na qual se esboçam e se apagam as determinações.

A “dama de negro” fez sua visita derradeira a Guattari. Antes disso, porém, DELEUZE-GUATTARI desfrutaram “de uma soberana liberdade (...), de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um dardo que atravessasse as eras.”

Daniela Ribeiro Mendes Nicola e Samantha Chantal Dobrowolski

“CAOSMOSE - UM NOVO PARADIGMA ESTÉTICO”

Félix Guattari. Tradução por Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 203p.

Caosmose é o último livro de Félix Guattari. Pensador e psicanalista, o autor vai além da Filosofia e da Ciência, pensando a refundação do político através das dimensões estéticas e analíticas implicadas em três ecologias: a ecologia do meio-ambiente, a do “socius” e a da psique (micropolítica). Por isto, Guattari propõe um paradigma não-científico, que vai servir a sua “esquizoanálise” - experimentada na Clínica de La Borde, França, da qual era diretor - mas que também serve às práticas sociais, à filosofia e à arte. Suas “cartografias esquizoanalíticas” não se constituem em uma doutrina científica e a importância deste método reside no fato dele tornar possível uma reaproximação e uma auto-poiese dos meios de produção de subjetividade.

Guattari sai daquilo que considerava um “reducionismo estruturalista” do tipo saussuriano, rompendo com o alcance totalizante do conceito de significante. Assim, vai de encontro a uma subjetividade parcial, pró-pessoal, polifônica, coletiva e maquinária. Assumindo a apreensão da dimensão criativa do processo de produção da subjetividade, o autor faz uma escolha ética. O novo paradigma é, então, a um só tempo ético, estético e autopoietico (e, portanto, processual).

Sua lógica é não-discursiva. É a lógica dos afetos; somente através dos afetos e dos perceptos se pode alcançar uma transversalidade em relação a todos os universos de valor. A lógica dos conjuntos discursivos é a mesma do Capital (referente da equivalência generalizada do trabalho e dos bens); do Significante (referente da capilaridade das expressões semiológicas, o grande redutor da polivocidade expressiva); do Ser (o equivalente ontológico, o fruto da redução da polivocidade ontológica). Mas, assim como o Capital exclui outros modos de valorização, o Significante faz calar as virtualidades infinitas das línguas menores, e o Ser “é como um aprisionamento que nos torna cegos e insensíveis à riqueza e multivalência dos Universos de valor”. A não-discursividade implica, por consequência, no questionamento das relações duais e maniqueístas do tipo ser/ente, consciente/inconsciente, questionando, assim, o próprio caráter de linearidade semiótica que parece sempre evidente, uma vez que o jogo do dualismo acaba por revelar instâncias transcendentais, onipolíticas e nadadoras da heterogeneidade, *Um e omni Deus*, o Ser, o Significante. A valoração passa

a ser encontrada neste sentido, também na-quilo que Guattari chama de “universos in-corporais de referência”- que incluem as ar-tes, a religião, os mitos, etc- e que corres-pondem ao caráter incorporai e virtual de uma parte essencial do meio-ambiente dos agentes enunciadoreis.

Na ideia de processualidade, entra em cena o conceito de máquina: estas são montagens suscetíveis de pôr em relação todos os níveis heterogêneos, dando-lhes ou negando-lhes uma existência. A máquina se auto-põe, é portadora de uma potência de auto-afirmação ontológica que constitui seu núcleo autopoietico. Guattari parte das concepções cibernéticas que tratam os sistemas vivos como máquinas (Wiener), das recentes teorizações que desenvolveram o conceito de autopoiese dos sistemas vivos (Maturana e Varela), para reconstruir o conceito de máquina, além da noção de máquina técnica. Para ele, o fundamental é o poder singular de enunciação da máquina: é o caráter autopoietico da máquina que faz com que ela escape à estrutura, diferenciando-a e dando-lhe seu valor. Enquanto a estrutura aspira à eternidade, a máquina inspira-se no desejo de abolição, fundando-se sobre o desequilíbrio. Aqui há uma ruptura não apenas de equilíbrio formal,mas, em uma radical reconversão ontológica, rompendo-se com o alcance totalizante do conceito de significante: a autopoiese maquina não se submete a nenhuma sintaxe geral, ou seja, as proposições maquina escapam aos jogos comuns da discursividade.

A noção de autopoiese em Guattari se distancia daquela inicialmente proposta por Maturana e Varela, uma vez que a autonomia proposta por ele é pensada em termos de alteridade. A autopoiese maquina instala-se na relação de entidades evolutivas e coletivas, que mantêm diversos tipos de relação de alteridade, não permanecendo encerradas nelas mesmas. Voltamo-nos para uma dimensão proto-ética: as escolhas de um ser deixam de ser uma escolha apenas para si, tornando-se uma opção que diz respeito a Ioda a Hilaridade: “o *tm\k* diferenciado e o mais indiferenciado coexistem no seio de um mesmo caos que, com velocidade infinita, joga seus registros virtuais uns contra os outros e uns com os outros”.

Neste sentido, o paradigma es-tético e autopoietico tem implicações ético-políticas, porque quem fala em criação nos termos de Guattari, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, “em inflexão de estado de coisas, em bi-furcação para além de esquemas pré-estabelecidos e (...) em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas”. A respeito do aspecto político encerrado em tal paradigma, é notório que a noção de auto-criação, de auto-posição, enfim de autopoiese tem sido simpática tanto à filosofia liberal (no campo da Sociologia do Direito, vem sendo trabalhada por Niklas Luhmann) quanto tem servido aos movimentos autogestionários, principalmente na França (Lefort, Castoriadis). Assim, qualquer conclusão a priori sobre as implicações ideológicas da noção de autopoiese aplicada ao campo social seria, certamente, apressada.

Em Guattari, no entanto, é clara a conotação renovadora: ele se interessa muito mais pelo desequilíbrio, pela desordem do caos do que pelo equilíbrio, do que pela situação homeostática de um sistema que se auto-põe e se auto-reproduz tão somente para garantir sua sobrevivência.

Guattari “inventa”, com seu novo paradigma, uma “política de uma ética da singularidade, em ruptura com os consensos, os ‘lenitivos*’ infantis destilados pela subjetividade dominante”. Esclarece que “não se trata aqui do aleatório neoliberal e de seu fanatismo pela economia de mercado, mercado do unívoco, mercado das redundâncias de poder capitalísticas, mas de uma heterogênesse de sistemas de valorização e de uma eclosão de novas práticas sociais, artísticas, analíticas”.

Juliana Neuenschwander Magalhães